

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

87

INSCRIÇÕES 396-399



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2009

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

.....

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

.....

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Composto e impresso na G. C. – Gráfica de Coimbra, Lda.

Depósito Legal Nº 21216/88

DUAS ARAS DA ALDEIA NOVA
(RAMELA, GUARDA)

Foram identificados em Aldeia Nova, freguesia da Ramela¹ e concelho da Guarda, dois monumentos epigráficos com nítidas semelhanças de fabrico que importa descrever.

396

O primeiro consiste num altar de granito grosseiro e de cor cinzenta, detectado em Maio de 2002, por um dos autores (M. O.), no decurso de uma visita à povoação². A epígrafe encontra-se guardada numa arrecadação do café local e foi trazida das imediações da povoação por um residente (segundo informação popular), já falecido, ou pelos trabalhadores das obras da A23 (segundo outras fontes), apesar de não ter sido possível apurar o sítio exacto.

Trata-se de uma ara de grande tamanho, elegante e de excelente acabamento, apenas danificada no topo e na aresta esquerda do campo

¹ Aldeia Nova já foi sede de freguesia e de paróquia. Com a reforma administrativa de meados do séc. XIX, a paróquia de Aldeia Nova da Teixeira (que integrava as povoações de Aldeia Nova da Teixeira, quinta de João Antão e a quinta de S. Miguel de Benespera, totalizando 161 pessoas, segundo as *Memórias Paroquiais*), passou a designar-se apenas por Aldeia Nova e foi integrada na paróquia/freguesia de Ramela (também designada por S. Pedro da Teixeira), agregando ainda a extinta paróquia de Santa Maria da Penha Feia (que, em 1758, abrangia as povoações de Aldeia Ruiva, Valcovo, a quinta da Dominga Feia e a Serra da Borges) (CHORÃO, M.^a J. B., *Retrato do Concelho da Guarda em 1758 – Memórias Paroquiais*, Guarda, 2002, p. 40, 41 e 162).

² Fomos avisados por José Domingos (da Agência Lusa) do roubo de pedras trabalhadas nesta localidade, para venda em Espanha. Mas, afinal, verificámos no local que as pedras não ofereciam qualquer interesse artístico ou arqueológico. Nesse mesmo dia, ficámos a saber da existência desta ara.

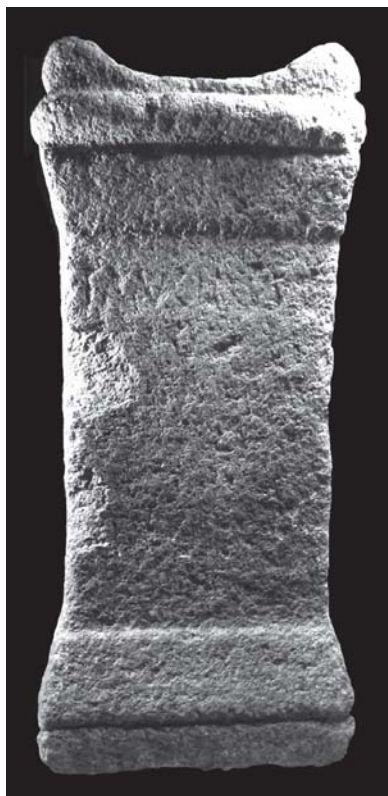
epigráfico. Encontra-se moldurada nas quatro faces, todas alisadas, embora as laterais sejam de menores dimensões. O capitel ostenta fóculo circular escavado ($\emptyset = 12$ cm) entre dois toros lisos. Divide-o do fuste uma moldura constituída por um toro (= 5 cm) e um chanfro (= 9 cm), separados por ranhura. A molduração da base é em chanfro reverso (= 8 cm), rematado por outra ranhura.

Dimensões: capitel: 19 x 41 x 35; fuste: 47 x 33 x 27; base: 15 x 40 x 31.

Campo epigráfico: 47 x 33.

TANCINVS · S(?) / [..]LOV[.]LI / [..]BR (?)

Altura das letras: 1. 1: 4 (T=5; V=3); 1. 2: 4; 1. 3: 3,5. Espaços: 1: 4,5; 2: 2; 3: 1,5.



396

A inscrição ocupa a parte superior do fuste, parecendo estender-se por três linhas (sobrando bastante espaço, talvez não utilizado). O texto é praticamente ilegível pelo desgaste e pelos danos que sofreu, nomeadamente no início da 2ª e da 3ª linhas. Apenas conseguimos ler no cabeçalho o nome do indivíduo dedicante ou defunto.

Os caracteres são actuários, irregulares no tamanho e gravados sem recurso a linhas auxiliares, a denotar inclinação para a frente (em espacial os NN): o T apresenta a haste horizontal curta, o C e o S foram gravados quase como um traço vertical curvo e os LL têm a barra horizontal inclinada para baixo. Não se observa qualquer sinal de pontuação.

O antropónimo *Tancinus* é indígena e está abundantemente documentado na região, pois é dos *cognomina* mais vulgares da *Lusi-*

*tania*³. O S do final da 1ª linha pode pertencer a uma palavra que se estende para a linha seguinte, não respeitando a divisão silábica, ou tratar-se de uma abreviatura, entre as mais correntes nos formulários epigráficos: *servus*, *solvit*, *sepulcrum* ou *sacrum*. Não é possível reconstituir o restante texto a partir das letras que sobram. Por este motivo, não temos muitos dados para inferir a natureza da epígrafe. A utilização do antropónimo em nominativo e a raridade das aras funerárias nesta região⁴ parecem contribuir para a hipótese de uma epígrafe votiva.

397

O outro monumento descoberto em Aldeia Nova é uma ara de granito grosseiro amarelado, identificada em Fevereiro de 2006, por um dos autores (A. S. R.), no decurso de uma visita à capela de Santo Antão⁵, onde ainda hoje permanece guardada. A ara encontra-se aí há bastantes anos, segundo referências populares, tendo sido convertida em pia de água benta e, ultimamente, servido de floreira. Desconhece-se o seu lugar de proveniência.

Trata-se igualmente de um monumento de razoável tamanho e de excelente acabamento, apenas com ligeiras escoriações e restos de cimento na base, para além da destruição do capitel pela cavidade da pia (30 x 25 cm). Tem aproximadamente as mesmas medidas da outra ara existente na povoação, embora o fuste seja um pouco mais atarracado. O capitel encontra-se danificado e escavado, não permitindo apurar se possuía também fóculo circular e dois toros. Apresenta a mesma molduração nas quatro faces, composta por toro (= 5 cm) e chanfro (= 8 cm), separados por uma ranhura; enquanto a base é moldurada apenas com chanfro reverso (= 8 cm). O fuste apresenta-se homogeneamente alisado nas quatro faces, mas sem qualquer vestígio de inscrição.

³ Aqui na sua variante não sonorizada: ver ABASCAL PALAZÓN, Juan M., *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Murcia, 1994, p. 521-523.

⁴ FERREIRA, Ana P. R., *Epigrafia Funerária Romana da Beira Interior: Inovação ou Continuidade?*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 34), 2004, p. 39.

⁵ Esta capela chegou a ser a igreja matriz do Espírito Santo, quando Aldeia Nova da Teixeira era sede de paróquia, segundo as *Memórias Paroquiais* de 1758 (CHORÃO, *ob. cit.*, p. 40).



397

Dimensões: Capitel: [13] x 40 x 35; fuste: 44 x 33 x 28; base: 16 x 40 x 33.

Estas duas aras podem provir do lugar do Prazo, a cerca de 600 metros para sudoeste de Aldeia Nova, onde um dos autores (A. S. R) detectou fragmentos de *tegulae*, *imbrices*, *dolia* e cerâmica comum doméstica, espalhados na berma de um caminho rural que foi aberto sob a A23 (troço Guarda – Belmonte, inaugurado em Agosto de 2002)⁶.

As semelhanças entre os dois monumentos e a ausência do texto num deles podem ser sintomas de proveniência de uma oficina epigráfica, onde uma das aras aguardava ainda a gravação encomendada. Curiosamente, a pouca distância da povoação (6 km para nascente, em linha recta) fica a Quinta de São Domingos (Pousafoles do Bispo,

Sabugal), onde se tem proposto também a existência de uma oficina⁷.

⁶ Este sítio inédito terá sido destruído durante o arranjo da passagem inferior da A23 e é possível que a primeira ara tenha sido descoberta nesta obra. Contudo, não existem quaisquer indícios que caracterizem a natureza desta possível estação arqueológica e que esclareçam também a essência da epígrafe. Parece ser um sítio pequeno, porque os materiais se concentram apenas ao longo do caminho e não se estendem para as áreas limítrofes. Neste local existia, segundo os habitantes mais idosos da aldeia, um afloramento granítico conhecido por *Barroco da Moira*, que terá sido destruído com as obras da auto-estrada, ao qual estava associada a existência de um “tesouro”. Talvez provenham daqui algumas pedras trabalhadas e colunas que, segundo fontes populares, se encontravam no adro da igreja da Senhora da Teixeira, a 350 metros para nascente desta zona arqueológica.

⁷ CURADO, Fernando P., «A viação romana no concelho de Penamacor. Contribuição para o estudo da via de Mérida a Braga», in *Actas e Memórias do 1º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*, Penamacor, 1982, p. 93; CURADO, Fernando P., «Aras a *Laepus* procedentes de Pousafoles, Sabugal», *Ficheiro Epigráfico*, 7, 1984, n.º 28; ALARCÃO, Jorge de, *O Domínio Romano em Portugal*, Mem Martins, 1988, p. 133.

No entanto, entre as inúmeras aras já recolhidas nesse local não se encontrou nenhuma com as dimensões e a tipologia destas duas.

Estamos perante duas epígrafes em que os critérios paleográficos são insuficientes ou inexistentes para estabelecermos uma proposta de datação rigorosa.

MARCOS OSÓRIO
ANTÓNIO SÁ RODRIGUES

UMA NOVA ARA VOTIVA DO SABUGAL

Ara votiva de granito cinzento e de grão fino, identificada em Fevereiro de 2006, nas obras de reabilitação de um edifício no Largo do Castelo do Sabugal¹. A epígrafe estava reutilizada na parede nascente do imóvel, com a face lateral esquerda virada para o exterior, tendo sido revestida de cimento caiado. O monumento está, por isso, bastante danificado, especialmente na base, na face epigrafada e no lado esquerdo. Actualmente, encontra-se guardado no próprio edifício, que entretanto foi convertido no estabelecimento comercial e turístico *Casa do Castelo*, onde está condignamente exposto ao público.

A ara apresenta três faces alisadas, sendo as laterais de menores dimensões, enquanto a parte posterior não está trabalhada ou foi fracturada. O capitel surge esboçado sem molduração propriamente dita, apresentando toros pequenos e pouco autonomizados, sem fóculo ou já destruído (porque o espaço entre os toros está mutilado). O campo epigráfico encontra-se marcado apenas por um rebaixamento. O monumento foi truncado na parte inferior, não se visualizando a base. A ara apresenta decoração em baixo-relevo nas faces laterais.

Dimensões: [63] x 34 x 24.

Campo epigráfico: 46 x 29.

CRISPIN/VS · CRIS/ (...)

¹ É a quarta epígrafe romana proveniente do Sabugal e a terceira ara votiva. Já se conhecia um monumento dedicado a *Arentia Equotullaicensis*, divindade tópica (CURADO, Fernando P., «Monumento votivo a *Arentia*, de Sabugal», *Ficheiro Epigráfico*, 7, 1984, n.º 27, e outro a *Aetius* (OSÓRIO, Marcos, «Ara votiva encontrada no Sabugal», *Ficheiro Epigráfico*, 69, n.º 309, Coimbra, 2002). São vários os vestígios romanos conhecidos nesta povoação, os quais, no seu conjunto, configuram a hipótese de um *vicus*: OSÓRIO, Marcos, *O Povoamento Romano do Alto Côa*, [Territória: 19], Câmara Municipal da Guarda, 2006, p. 66.

Crispino, (filho de) Cris(po?) (...)

Altura das letras: l. 1: 4/4,5 (I e N = 5); l. 2: 4/4,5. Espaços: 1: 0,3/0,9; 2: 0,8.

A inscrição está incompleta por causa dos danos sofridos no suporte. Apenas se preservaram as duas primeiras linhas, que ficaram protegidas pelo rebordo do campo epigráfico, sobrando espaço equivalente a oito linhas, que não sabemos se foi totalmente epigrafado. As letras lêem-se mal e os caracteres são actuários, irregulares e gravados sem recurso a linhas auxiliares: o V é muito aberto e o S e o N estão inclinados para a frente. A translineação não respeita a divisão silábica, mas a pontuação é bem marcada na separação das duas palavras.

O texto apenas nos permite identificar o nome de quem terá erigido a ara e, de acordo com o esquema tradicional de filiação nesta região, o seu provável patronímico incompleto. O dedicante apresenta-se com o *cognomen* latino Crispino, bastante frequente na Península Ibérica². Trata-se de um indígena romanizado cuja filiação não podemos apurar se é expressa em onomástica indígena ou latina³.

Não é visível a divindade invocada. Não sabemos se apenas está apagada ou se era omissa. O mau estado de conservação do espaço existente entre o capitel e o campo epigráfico (= 10 cm), que foi positivamente desbastado com a reutilização construtiva, também não permite verificar se aí esteve gravado o teónimo, mais parecendo ter, originalmente, alguma decoração em relevo.

A ilegitimidade do texto é colmatada com a riqueza decorativa das faces laterais da ara, de influências alóctones, constituindo a única informação disponível para determinar a sua natureza. Não se pode excluir categoricamente uma função funerária para este monumento, no entanto, inclinamo-nos para o carácter votivo, dada a simbologia dos elementos decorativos, do antropónimo em nominativo e da fraca

² Conhecem-se duas dezenas de casos, na variante feminina e masculina, sobretudo no Levante e Sul de Espanha, sendo pouco frequentes na Lusitânia: ABASCAL PALAZÓN, J. M., *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 339.

³ No rol dos antropónimos peninsulares possíveis enumeram-se *Criserus*, *Crissus* ou *Criste*, sendo mais verosímil o nome latino *Crispus*, do qual o próprio *Crispinus* é o diminutivo (derivado por filiação), já atestado como patronímico de uma *Crispina* (ABASCAL PALAZÓN, *o. cit.*, p. 339) e de um *Crispinus* (LE ROUX, Patrick; TRANOY, Alain, «Stèle funéraire d'Eiras Velhas, Horta de Vilariça», *Ficheiro Epigráfico*, 75, n.º 330, 2004).

tradição das aras funerárias nesta região⁴. Sendo também raras as aras votivas descobertas na Beira Interior que ostentem representações iconográficas, mais frequentes em aras funerárias das regiões de maior índice de romanização⁵, estamos perante um monumento epigráfico que denuncia um nível avançado de aculturação.

A face direita da ara é encimada por um objecto circular côncavo, de espesso rebordo (11,5 cm de diâmetro e 2 cm de profundidade), com um curto cabo transversal de remate bífido (= 3,5 cm), que deverá ser um *simpulum*⁶, distinguindo-se das representações tradicionais das *paterae* por não ter *umbo* central e apresentar uma pega vertical. Sob este objecto ritual identifica-se um touro incompleto (pela fractura inferior da ara), disposto na vertical, virado para cima e com a cabeça representada numa perspectiva distorcida em relação ao corpo ([34] x 18 cm).

No lado esquerdo, devido ao seu desgaste, é difícil adivinhar os motivos patentes⁷. Consideramos que se trata de um *malleus*⁸, repre-

⁴ Como se constata em FERREIRA, Ana P. R., *Epigrafia Funerária Romana da Beira Interior: Inovação ou Continuidade?*, Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 34), 2004, p. 39.

⁵ Onde aparecem, principalmente, as páteras e os jarros, as palmas e as coroas de flores: ENCARNAÇÃO, José d', *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra, 1984, p. 815 e 828; ENCARNAÇÃO, José d', «A religião», in ALARCÃO, Jorge de [coord.], *Portugal: das Origens à Romanização*, Lisboa: Presença (*Nova História de Portugal*, 1), 1990, p. 461.

⁶ Pequena concha munida de uma longa e elegante pega vertical (por vezes com a extremidade rematada por protomos animais), utilizada para fazer libações nos ritos sacrificiais, derramando vinho sobre os altares e sobre as vítimas (DAREMBERG, C.; SAGLIO, E., *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, 2ª ed, Paris, Hachette, tomo 4, vol. 2, 1899, p. 1345-1346; FEUGÈRE, M., Les simpulums: Introduction morphologie générale, in FEUGÈRE, M. e ROLLEY, Cl. (dir.), *La Vaisselle Tardo-Républicaine en Bronze*, Actes de la table-ronde CNRS (Lattes, avril 1990), Dijon, 1991, pp. 61-63). Este objecto é frequentemente representado em moedas, como acontece, por exemplo, num denário de Vespasiano: MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E., *The Roman Imperial Coinage*, 2, Londres, 1984, p. 19, n.º 42, Plate I, n.º 3 = RIC II 42; num aureus de Marco Aurélio: MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E., *The Roman Imperial Coinage*, 3, Londres, 1930, p. 79, n.º 424, Plate I, n.º 6, Plate IV, n.º 75 = RIC III 424; ou nos denários republicanos de César: CRAWFORD, M. H., *Roman Republican Coinage*. Cambridge, 1974, n.ºs 443/1 e 467/1a-b = RRC. Todos os dados de carácter numismático foram facultados amavelmente por José Ruivo, a quem agradecemos.

⁷ As figuras encontram-se picadas e imperceptíveis, dado que ficam na face que esteve virada para o exterior da casa. Agradecemos a Armando Redentor as brilhantes sugestões e comentários que partilhou connosco a propósito destas difíceis representações simbólicas e do seu significado.

⁸ Objecto equivalente a uma moça com que se atordoavam os grandes animais destinados ao sacrifício, antes de os imolar (RICH, Anthony, s. v. «malleus», in <http://>

sentado na diagonal da face (= 54 x 2-3 cm), ao lado de outro elemento com a extremidade superior curvada (= 50 x 2 cm), que poderá ser um *aspergillum*⁹.

Este conjunto de figuras representam instrumentos sacrificiais, enquanto o touro, podendo não ter uma relação directa com o carácter da divindade invocada na ara, figura apenas como vítima, pois era considerado a oferenda por excelência dos sacrifícios e, por isso, beneficiou de uma rica iconografia no mundo romano¹⁰.

No sacrifício *suovetaurilia* perpetuado na inscrição do Cabeço das Fráguas (Pousafoles do Bispo, Sabugal), o touro foi oferecido a *Reve*¹¹. É possível que esta ara também lhe tivesse sido dedicada ou a qualquer outra das divindades indígenas conhecidas com iconografia bovídea associada¹². No entanto, na Península Ibérica, o touro aparece sobretudo em altares erguidos a Júpiter¹³, conhecendo-se seis aras a

[/www.mediterranees.net/civilisation/Rich/Articles/Religion/Objets_culte/Malleus.html](http://www.mediterranees.net/civilisation/Rich/Articles/Religion/Objets_culte/Malleus.html); e, s. v. «malleus» também in DAREMBERG e SAGLIO, *idem*, tomo 3, vol. 2, 1883, p. 1562 e fig. 4803).

⁹ Trata-se de outro objecto ritual utilizado para aspergir água sobre as vítimas de um sacrifício ou sobre os espaços que se pretendiam purificar (*ibidem*). Este instrumento é também representado nos denários republicanos de Júlio César (*RRC* 443/1 e 467/1a-b) e nos denários de Vespasiano (*RIC* II 42), ambos citados na nota 6, bem como no reverso do denário de *A. Postumius Albinus* que ilustra o próprio ritual de *aspersio* sobre um touro (*RRC* 372/1, batido em Roma em 81 a.C.).

¹⁰ BLÁZQUEZ, J. M., *Diccionario de las Religiones Prerromanas de Hispania*, Madrid, 1975, p. 62-74; OLIVARES PEDREÑO, J. C., *Los Dioses de la Hispania Céltica*, Madrid: Real Academia de la História, Universidade de Alicante (Biblioteca Archaeologica Hispana; 15), 2002, p. 119.

¹¹ TOVAR, A., «La inscripción del Cabeço das Fráguas y la lengua de los Lusitanos», in HOZ, J. de [ed.], *Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas* (Lisboa, Novembro de 1980), Salamanca, 1985, p. 243-245.

¹² Conhecem-se as aras erguidas a *Nidanlua(ecus)* em San Esteban del Toral (Bierzo, León) (MANGAS, J.; VIDAL, J., «Nuevas inscripciones romanas de la provincia de León», *Memórias de Historia Antigua*, 8, Oviedo, 1987, p. 194-196); a *Moricilus* em Casas de Millán (Cáceres) (BELTRÁN, M., «Aportaciones a la epigrafía y arqueología romana de Cáceres», *Caesaraugusta*, 39, 1975-76, p. 78-79, n.º 23); a *Lacubegis* em Ujué (Navarra) (CASTILLO, C., Gómez Pantoja, J., Mauleón, M. D., *Inscripciones romanas del Museo de Navarra*, Pamplona: Institucion Principe de Viana, 1981, n.º 34, lam. XXXIVb); e a *Lar Patrius* em Penafiel (Porto) (LE ROUX, Patrick, TRANOY, Alain, «Contribution a l'étude des regions rurales du N.O. hispanique au Haut-Empire: deux inscriptions de Penafiel». *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, Porto, 1974, p. 251, 256-257).

¹³ É sabido que os sacrifícios de touros na religião romana eram efectuados, sobretudo, a Marte (PRÓSPER, Blanca M., *Lenguas y religiones prerromanas del occi-*

esta divindade com figuras de bovídeos, sobretudo protomos de touro¹⁴. Esta visível presença de iconografia taurina nas aras a Júpiter justifica-se, também, por ser a oferenda máxima ao representante do poder supremo¹⁵, que poderia aqui ser aumentada com mais um eventual exemplar.

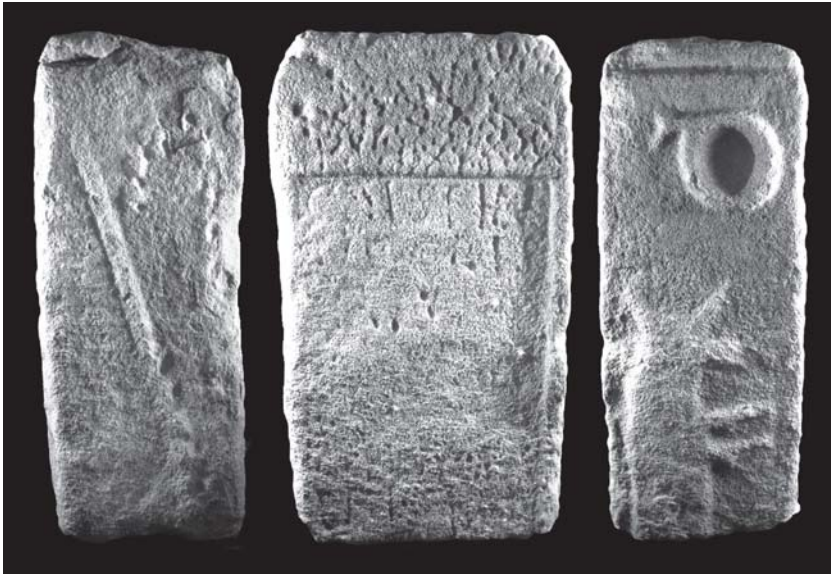
Não dispomos de indícios claros sobre a datação da epígrafe. Os escassos caracteres observados não são paleograficamente significativos e não existem dados suficientes que nos permitam, a partir da decoração, avançar com propostas cronológicas para o seu fabrico.

MARCOS OSÓRIO
DÁRIO NEVES

dente de la Península Ibérica, Salamanca, [Acta salmanticensia. Estudios filológicos: 295], 2002, p. 56; BLÁZQUEZ, José M., «Culto al Toro y culto a Marte en Lusitania», *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. III, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1970, p. 152). Existem mesmo representações desta divindade clássica com touros e chifres no elmo (OLIVARES PEDREÑO, *o. cit.*, p. 211). No entanto, também se encontram nas famosas aras taurobólicas do culto a Cibele (CANTO, Alicia M., «La Tierra del Toro. Ensayo de identificación de ciudades vasconas», *Archivo Español de Arqueología*, 70, Madrid, 1997, p. 31-70, p. 34-35) ou nos monumentos do culto mitraico.

¹⁴ Em Torre del Bierzo (Astorga) (MANGAS e VIDAL, *o. cit.*, p. 196, n.º 46); em Zauzar (Cáceres) (CALLEJO, C., «Aportaciones a la epigrafía romana del campo norbense», *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 157, Madrid, 1965, p. 65, lam. 80); em San Vicente de Alcántara (Badajoz) (GARCÍA Y BELLIDO, António, «Parerga de arqueología y epigrafía hispano-romanas», *Archivo Español de Arqueología*, 33, Madrid, 1960, p. 188, fig. 41); em Chaves (RODRÍGUEZ COLMENERO, António, *Aquae Flaviae*, I, 'Fontes Epigráficas da Gallaecia Meridional Interior', Chaves, 1987, n.º 18); e em Aibar (Navarra) (CASTILLO, Carmen, GÓMEZ PANTOJA, Joaquín, MAULEÓN, M. D., *Inscripciones Romanas del Museo de Navarra*, Pamplona: Institucion Principe de Viana, 1981, n.º 17, lám. XVII). No próprio concelho do Sabugal foi encontrada uma ara erigida a Júpiter que apresenta, numa das faces decoradas, a cabeça de um touro sobre uma cratera: GARCIA, José M., «Epigrafia lusitano-romana do Museu Tavares Proença Júnior», Castelo Branco, Museu de Tavares Proença Júnior, 1984, p. 57-58 e 152-153. O monumento foi encontrado no lugar do Paraíso (Moita): CURADO, Fernando P. «Património cultural», *Boletim Municipal da Câmara Municipal do Sabugal*, n.º 1 (4), Sabugal, 1987, p. 4.

¹⁵ Tal como ocorre com *Reva* na inscrição das Fráguas: PRÓSPER, *o. cit.*, p. 56.



398

ARA VOTIVA DE SÃO PEDRO DA CAPINHA
(FUNDÃO)
(*Conventus Emeritensis*)

Ara votiva, de granito de grão grosseiro, identificada durante a primeira campanha de escavações na Capela de São Pedro, freguesia da Capinha, concelho do Fundão, que decorreu em Setembro de 2006,¹ encontrando-se reutilizada como material de construção no cunhal sudoeste deste edifício.

Apresenta ainda duas cavidades numa das faces, que indiciam uma possível função anterior, como suporte de cancela.

Monumento cujo topo arrasado seria originalmente composto por toros laterais e fôculo circular central escavado; moldura, nas quatro faces, sob a cornija.

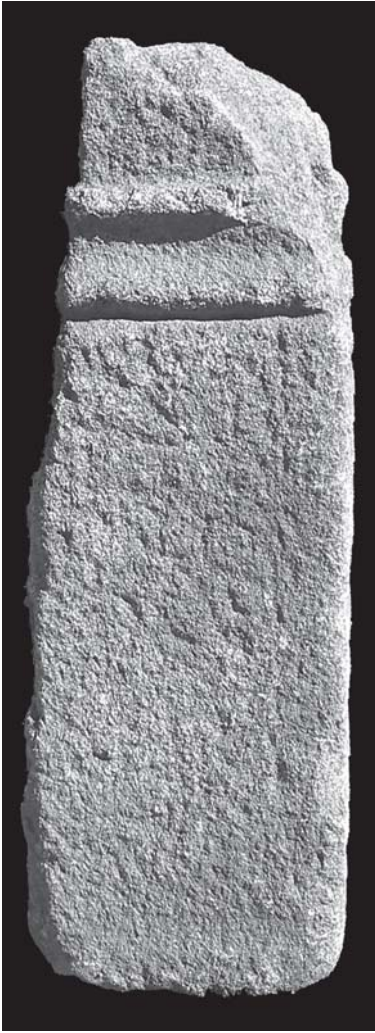
Dimensões: 78 x 28,5 x 31,5. Cornija: 24 x 21. Fuste: 58 x 31,5.
Campo epigráfico: 50 x 28,5

[...]AE

Altura das letras: 10.

As várias utilizações que sofreu, assim como as características do suporte epigráfico, contribuíram para a sua deterioração e para o quase total desaparecimento da inscrição, sendo, contudo, ainda possível observar duas letras no final da primeira linha, correspondentes às letras A e E, que consideramos ser a terminação da designação de uma divindade.

¹ Esta campanha de escavações faz parte do projecto de investigação designado “*Intervenção na Capela de São Pedro da Capinha*” (PNTA/IPA, 2006-2009) da responsabilidade das signatárias.



399

Neste sentido, atendendo às dimensões dos caracteres e ao espaço disponível, somos de opinião que a divindade representada possa ser REVA ou TOGA. Ambas são divindades cultuadas na região da Beira Baixa e Extremadura espanhola correspondendo, a primeira ao culto dos rios, riachos e montanhas² e TOGA, segundo alguns autores, teve o seu centro de culto entre os Vetões.³

Tendo em consideração as características da moldura, sugerimos uma datação do séc. I da nossa era.

As primeiras referências que são feitas à Capela de São Pedro datam do séc. XVI⁴. Terá sido local de culto desde a Idade Média até ao séc. XIX, aquando da desamortização dos bens da Igreja. A partir desse momento, o edifício foi adaptado a anexo agrícola.

Dos arredores da estação arqueológica da Tapada de São Pedro são conhecidas quatro inscrições de época romana. Duas delas foram encontradas na ponte da Capinha⁵, sendo ambas funerárias. As restantes descobriram-se na Tapada de São Pedro, sendo uma funerária⁶ e outra votiva, dedicada a *Bandi Arbariaico*.⁷ Todos

² OLIVARES PEDREÑO, J. C. (2005) “Celtic Gods of the Iberian Peninsula”, *e-Keltoi, Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*, vol. 6, p. 607-649.

³ *Idem*

⁴ RAMOS, Sebastião Caldeira (1999), *Memórias da Capinha (Uma Aldeia do Concelho do Fundão)*, Fundão.

⁵ VAZ, João L. (1977), «Inscrições romanas do Museu do Fundão», *Conimbriga*, XVI, inscrições n.º V e n.º VIII (p. 11-12 e 15-16).

⁶ VAZ 1977: inscrição n.º XI (p. 18-20).

⁷ *CIL* II 454.

estes monumentos epigráficos, excepto o último, cujo paradeiro se desconhece, se encontram, presentemente, em exposição no Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, no Fundão.

A existência destas aras e a posterior construção da capela levam-nos a ponderar a hipótese de estarmos na presença de um espaço sagrado de longa diacronia, sem podermos, contudo, considerar este facto como sinónimo de cristianização de um espaço pagão, uma vez que não possuímos dados que nos confirmem a relação efectiva entre estes dois momentos.

ELISA ALBUQUERQUE
CONSTANÇA GUIMARÃES DOS SANTOS